

WALSH, Catherine (Ed.). Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir. Tomo I. Quito, Ecuador: Ediciones Abya-Yala, 2013. 553 p.

Telmo Adams*

O livro organizado por Walsh¹, com 553 páginas, lança-nos em uma incur-são epistêmica pautada na articulação entre uma dimensão pedagógica e decolonial. No primeiro capítulo, de sua autoria, a pesquisadora põe em diálogo Frantz Fanon e Paulo Freire, indagando sobre as implicações de pensar o decolonial pedagogicamente e o pedagógico decolonialmente. Seu intuito é investigar como a aposta descolonizadora de Fanon, baseada na problemática de racialização e de desumanização, distingue-se da perspectiva de Freire, o qual cunha a ideia de uma pedagogia libertadora. Em sua releitura, Walsh opta pela formulação do termo *pedagogías decoloniales* “[...] como metodologias produzidas em contextos de luta, marginalização, resistência e que Adolfo Albán tem chamado ‘re-existência’; pedagogias como práticas insurgentes que fraturam a modernidade/colonialidade e tornam possível outras maneiras de ser, estar, pensar, saber, sentir, existir e viver-com” (WALSH, 2013, p. 19).

Na literatura sobre a colonialidade do poder, a temática aparece tanto como descolonialidade e descolonial como *decolonialidade* e *decolonial*. Walsh justifica que a supressão do “s” é uma opção sua para marcar uma distinção com o significado do “des” em castelhano, que poderia dar a entender um simples “[...] desarmar, des-hacer o reverter de lo colonial. [...] Con este juego lingüístico, intento poner en evidencia que no existe un estado nulo de la colonialidad, sino posturas, posicionamientos, horizontes y proyectos de resistir, transgredir, intervenir, in-surgir, crear e incidir” (WALSH, 2013, p. 24-25).

Em seu livro, o conjunto de autoras e de autores², segundo Walsh, foram escolhidos em função de seus compromissos e de seus envolvimento com movimentos de resistência e de insurgência, sendo que “seus textos refletem seus

*Professor da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Email: <adams.telmo@gmail.com>

¹ Catharine Walsh é professora e diretora do Doutorado em Estudos Culturais Latino-americanos da Universidade Andina Simón Bolívar do Equador (Quito). Seu trabalho como pesquisadora e militante está focado, atualmente, no projeto político, epistêmico e ético da interculturalidade crítica, da decolonialidade e de temas inter-relacionados como raça, gênero, conhecimento e natureza e pedagogias sociopolíticas. Seus livros mais recentes são: *Interculturalidad, Estado, Sociedad: Luchas (de)coloniales de nuestra época* (2009); *Interculturalidad y (de) colonialidad. Ensayos desde Abya Yala* (2013).

² Em função do grande número de autores, optamos, por uma questão estética do texto, não citá-los. Há um minicurriculo destacado ao final do livro organizado por Walsh.

empenhos”, com base em práticas pedagógicas que vão “entretecendo caminhos” orientados para o “decolonial” (WALSH, 2013, p. 20). A autora esclarece que o pedagógico, nessa obra, significa o conjunto de práticas, de estratégias e de metodologias com as quais se fortalece a construção das resistências e das insurgências. Para além dos espaços escolarizados e do sentido instrumentalista de ensino e de transmissão do saber, essas práticas colocam-se a serviço de lutas sociais, políticas, ontológicas e epistêmicas de libertação.

Na densa e bela introdução, Walsh retoma aspectos centrais de pedagogias decoloniais – práticas e personagens como o quéchua Felipe Gaumán Poma de Ayala –, já atuantes no século XVI, relatos de lutas contra as injustiças, as violências e as oposições às imposições imperiais. A autora lamenta que poucos são os textos escritos que relatem as lutas dos sujeitos africanos que foram reduzidos a inventos da supremacia branca europeia ocidental. Entrementes, ela encontra em Paulo Freire e Frantz Fanon, em função do seu sentir pedagógico e político, dois intelectuais comprometidos com as lutas de libertação e de descolonização, apontando contribuições importantes para a educação intercultural crítica e decolonial. Walsh sinaliza dois pontos de partida complementares: o pedagógico em Freire e o problema colonial em Fanon, ambos propondo a luta decolonial, de libertação e de humanização.

No capítulo introdutório, a organizadora da obra caracteriza as complementaridades entre as concepções pedagógicas e humanizadoras de Freire e Fanon. O ponto de partida de Fanon foi o problema colonial: “[...] descrever e narrar a situação de colonização e impulsionar e revelar a luta anti e decolonial” (WALSH, 2013, p. 42). Já Freire partiu da problemática da opressão: as condições existenciais das classes pobres e excluídas pela ordem injusta, em cujo contexto a violência dos opressores desumaniza o oprimido. Embora Freire tenha focado o aspecto pedagógico mais intensamente, ambos contribuem efetivamente com uma proposta que articula o político e o pedagógico com vistas a “[...] um sentido prático e concreto em favor das lutas de descolonização, libertação e humanização” (WALSH, 2013, p. 42).

Em relação às diferenças entre Freire e Fanon, Walsh dialoga com outros autores tendo como referência aspectos epistemológicos. Enquanto Freire propõe que, para enfrentar a opressão e chegar à humanização, é necessário conhecer a realidade para transformá-la – referindo-se a uma questão epistemológica –, Fanon dá a entender que o peso corporal da colonialidade e a conseqüente exterioridade leva a um novo modo de conhecer – indicando que à questão epistemológica antecede a dimensão ontológica. “Assim, há uma epistemologia fanoniana que aponta para conhecer a forma em que o sujeito colonizado interioriza seu processo de colonização criando assim as condições de não-existência” (WALSH, 2013, p. 51). Possivelmente, a perspectiva ontológica

da dominação colonial tenha sido colocada por Freire no âmbito da identidade cultural, “[...] dando sombra à questão ontológica-existencial-racial e, por sua vez, à maneira pela qual a ideia de raça, e também gênero, têm se constituído como instrumentos centrais na colonialidade do poder” (WALSH, 2013, p. 55). A autora conclui que o processo de libertação a ser realizado com a contribuição das pedagogias decoloniais não é simplesmente libertar as identidades culturais, como se a colonialidade pudesse ser superada apenas no campo cultural. O trabalho a ser feito “[...] é atacar as condições ontológicas-existenciais e de classificação racial e de gênero; incidir e intervir em, interromper, transgredir, desencaiar e transformá-las de maneira que superem ou desfaçam as categorias identitárias [...]” (WALSH, 2013, p. 55). Desde essa perspectiva, poder-se-á falar em pedagogias radicalmente decoloniais.

Na continuidade desse provocativo capítulo introdutório, o livro apresenta-se em quatro partes que, respectivamente, abordam uma multiplicidade de focos que a temática suscita. Inicia situando diversos espaços e maneiras em que se ancoram memória coletiva, práticas econômicas e culturais cujas experiências subsidiam novos modos de pensar, de construir e de dar andamento ao pedagógico e decolonial.

O primeiro artigo traz aportes metodológicos de uma investigação-ação participativa, inspirada em Orlando Fals Borda e Paulo Freire, por meio da memória coletiva articulada com a crítica a uma episteme eurocêntrica. O texto associa essa metodologia investigativa a uma concepção de interculturalidade crítica, termo igualmente assumido por Catherine Walsh. O segundo artigo introduz a reflexão sobre economia em uma perspectiva decolonial, colocando em cheque o pretendido universalismo da economia, hoje hegemônica, e a forma cultural ocidental de pensá-la. O autor questiona essa lógica designando-a de “economicídio”, como um reducionismo que não reconhece a diversidade de maneiras econômicas de produzir a vida.

Outro texto contextualiza e aprofunda a reflexão sobre a educação na perspectiva da interculturalidade crítica, passando pela origem do termo em nossa América, apresentando duas perspectivas diferentes com base em Fidel Tubino (2005): a interculturalidade funcional e a crítica. A primeira, incorporada ao discurso oficial dos Estados e dos organismos internacionais dentro da lógica neoliberal, tem por objetivo diminuir as áreas de tensão e de conflito. Já a interculturalidade crítica, como um projeto radicalmente transformador, propõe uma ética e uma política, articulando igualdade e reconhecimento das diferenças culturais e não apenas a tolerância com uma inclusão adaptadora de comunidades indígenas e negras dentro do atual modelo de vida em sociedade. A interculturalidade crítica é assumida “[...] como projeto político, social, ético e epistêmico – de saberes e conhecimentos –, que afirma a necessidade de mudar não só as

relações, mas também as estruturas, condições e dispositivos de poder que mantêm a desigualdade, inferiorização, racialização e discriminação” (WALSH, 2009, p. 3). Trata-se de uma proposta para toda a sociedade e não algo restrito a grupos etnicorraciais.

A segunda parte traz à memória pedagogias decoloniais que focam lutas de resistências e existências de povos de raiz africana. Trata-se de uma vasta pesquisa que revisita os processos relacionados a diversos países da América Latina e do Caribe, iniciando a análise pelo fenômeno da diáspora africana. Um segundo texto foca a pedagogia e a antropologia filosófica do escravo afro-americano desde o pressuposto do racismo como negação da condição humana do outro ser humano. E, nessa condição, justificou-se, historicamente, a feroz conversão do escravo em propriedade de um senhor. O último artigo da segunda parte, destacando a poesia e a literatura de um personagem, Abuelo Zenón, apresenta a sistematização da experiência de ser negro/a de uma comunidade do Equador.

Na terceira parte, a obra oferece uma rica reflexão sobre experiências com populações que lutam para superar a colonialidade em lugares diversos. “Para uma pedagogia feminista negra” no Brasil, o autor descreve um estudo etnográfico que possibilitou um maior conhecimento das comunidades negras de Salvador, focando, sobretudo, na compreensão e na prática de uma pedagogia feminista negra. Outro texto versa sobre a pedagogia decolonial e a educação antirracista e intercultural no Brasil. Nele, o autor expõe um histórico de como a temática da (de)colonialidade foi apropriada a partir de relações estabelecidas com o grupo Modernidade/Colonialidade, do qual participam renomados teóricos como Arturo Escobar, Aníbal Quijano, Walter Dignolo, Ramón Grosfoguel, Catherine Walsh, Nelson Maldonado-Torres, entre outros. Trata-se de um artigo que facilita a compreensão do pensamento decolonial em nossa América, sobretudo no que diz respeito à relação colonialidade e educação em direção a um giro epistêmico para consolidação de pedagogias decoloniais.

Segue, então, um excelente artigo sobre as práticas políticas e pedagógicas dos povos zapatistas. O texto reflete como se deu a redefinição coletiva de prioridades e de necessidades educativas em Chiapas, fortalecendo a autonomia e a afirmação identitária por meio de uma pedagogia autogestionária e antiautoritária. Outro artigo disserta sobre o legado descolonizador do educador e político Aymara Nina Quispe, destacando sua biografia, o contexto em que viveu e como propunha a educação do povo aymara. O autor questiona, ao final, por que a história oficial da Bolívia reconhece a experiência de Elizardo Pérez com as escolas Warisata e não faz o mesmo com o Aymara Eduardo Nina Quispe, que, do mesmo modo, desenvolveu um sistema próprio de educação por meio de escolas indígenas.

Na sequência, o livro contempla uma experiência que trata da pedagogização da escuta em comunidades negras de uma região da Colômbia, como forma de resistência à homogeneização do colonialismo linguístico. Nesse contexto, a pedagogização da escuta constitui-se em uma instância política, como possibilidade de ação que passa pela conversação na articulação entre cosmoaudição e cosmovisão. Nesse modo de compreender, a escuta contribui na luta pela vida, pelo pertencimento e pela defesa do território como lugar de construção de sentidos pelas comunidades negras.

A quarta parte do livro, *Hacia El re-existir y el re-vivir*, apresenta inspirações por meio de práticas insurgentes ligadas à perspectiva feminista, à arte e ao “*buen vivir*”. O primeiro texto traz uma caracterização de práticas pedagógicas feministas decoloniais, tipicamente de caráter intercultural e transformador, que partem do questionamento radical da dominação racista, colonial, capitalista e do sistema moderno colonial de gênero. Trata-se de uma experiência refletida com elementos a respeito do que podemos encontrar de mais atualizado na perspectiva feminista decolonial, como proposta global de superação e não fragmentação da opressão em problemas domésticos e sexuais. As opressões dão-se, concretamente, como negação do ser, seja na organização da produção da vida, seja na produção do saber-poder; e é nesse âmbito que devem ser enfrentadas.

O tema que segue trata de outra experiência sistematizada, uma experiência genial que põe a perspectiva decolonial em diálogo com a dimensão da resistência e necessária luta pela superação da dominação que perpassa o sistema da arte. O texto problematiza a colonialidade desde o cotidiano de comunidades indígenas e afrocolombianas pela mediação de artistas populares, destacando o ato criador da arte como pedagogia decolonial. O artigo exemplifica a argumentação com três experiências de comunidades étnicas por onde perpassam outras visões, outras maneiras de estar, de pensar, de ser, de atuar, bem como outras formas de fazer, de significar, de valorar e de interpretar, sintonizadas com o espírito de “*Nuestra América*”.

O livro, por último, contempla o que o autor chama de “Pedagogia da felicidade em uma educação para a vida”. O texto aprofunda a compreensão sobre o paradigma do “*buen-vivir*”/ “*vivir-bien*”. Retomando os conceitos de colonialidade do poder, colonialidade do saber e do ser, o autor acrescenta a colonialidade da natureza fazendo uma interessante relação com as teorias oriundas da modernidade eurocêntrica e outras em (re)construção no contexto de nossa América. O artigo termina denunciando a compreensão tradicional de erradicação da pobreza, contrapondo a proposta de uma pedagogia da libertação na educação para a vida. Para isso, o autor destaca a exigência de superar a colonização cultural que amputa nossa vontade de transformar o mundo. Conclui o autor que as pedagogias da libertação e da felicidade assumem a mesma perspectiva

no âmbito dos giros paradigmáticos. Tudo começa pela compreensão radical de que a globalização neoliberal reordena o mundo para o desenvolvimento, porém não para a vida.

Como podemos ver nos aspectos destacados, trata-se de um livro atualíssimo e que vem ao encontro da necessidade de construirmos pedagogias decoloniais a partir do Sul – nesse caso, desta nossa América. Isso implica valorizar experiências de nossos movimentos populares, nossas educadoras e nossos educadores, nossas pesquisadoras e nossos pesquisadores, comprometida/os com uma postura decolonial/libertadora com sua multiplicidade de implicações. Concluimos que Catherine Walsh, em parceria com um amplo grupo de autores, traz uma contribuição de extrema valia para ampliar, fortalecer e consolidar pedagogias decoloniais, retomando sonhos de conquistar em *Nuestra América* as condições essenciais para o “*buen vivir*”. Cada capítulo do livro constitui-se um convite para a leitora e para o leitor que, seguramente, será contagiado e não ficará sem engajar-se com esse exigente mas esperançoso caminho decolonial.

Referências

TUBINO, F. La interculturalidad crítica como proyecto ético-político. In: ENCUENTRO CONTINENTAL DE EDUCADORES AGUSTINOS, 2005, Lima. **Anais...** Lima: OALA, 2005. Disponível em: <<https://oala.villanova.edu/congresos/educacion/lima-ponen-02.html>>. Acesso em: 10 out. 2014.

WALSH, C. **Interculturalidade crítica e educação intercultural**. 2009. (Conferência apresentada no Seminário “Interculturalidad y Educación Intercultural”, Instituto Internacional de Integración del Convenio Andrés Bello, La Paz). Disponível em: <<https://docs.google.com/document/d/1GLTsUp2CjT5zIj1v5PWtjtbU4PngWZ4H1UUkNc4LI dA/edit>>. Acesso em: 10 out. 2014.